

A UTILIZAÇÃO DOS X-MEN COMO IDENTIDADE GAY NO LIVRO *NO PRESENTE*, DE MÁRCIO EL-JAICK

José Vilian Mangueira¹

RESUMO: *No presente*, de Márcio El-Jaick, aborda a descoberta sexual do protagonista André como desejo homoerótico. Espelhando-se no que está à sua volta, ele refere-se, em diferentes momentos, aos personagens X-Men. Este trabalho analisa a recorrência dos X-Men dentro da narrativa, procurando entender o porquê de o personagem-narrador se interessar tanto por esses heróis e qual a possível significação dessas figuras para o processo de autoconhecimento pelo qual passa o protagonista.

Palavras-chave: Homoerotismo; Gênero; Identidade; personagem gay.

ABSTRACT: *No presente*, by Márcio El-Jaick, deals with the sexual understanding of the main character André as a homosexual desire. Mirroring into what is around him, he refers to, in different moments when he tries to understand his sexual problematic, the X-Men. This text analyzes the presence of X-Men on the narrative, to understand why the narrator is so interested on those heroes, and also what is the possible significance of those figures for the self-understanding process faced by the protagonist.

Key-words: Homoerotism; Gender; Identity; Gay character.

O escritor contemporâneo Márcio El-Jaick tem dado destaque à temática homoerótica, criando personagens que se encontram inseridos em situações que os fazem discutir sua sexualidade ou suas ligações amorosas. Seus livros, publicados pela Editora GLS, têm mostrado a habilidade do escritor em passear por diferentes gêneros literários – romance, novela e conto. O seu segundo romance, *No presente*, oferece ao leitor um olhar ingênuo e sincero do protagonista e narrador André sobre sua descoberta sexual como desejo homoerótico. Depois da morte do seu tio Ivan, André se aventura em uma busca por autoconhecimento. Tudo começa quando, instigado pelo *bullying* de alguns colegas de escola que lhe chamam de “bichinha” e “boiola”, André empreende uma investigação para saber “Como a pessoa sabe que é gay” (EL-JAICK, 2008, p. 111). Durante essa investigação, o protagonista descobrirá sua real orientação sexual e experimentará sua primeira experiência sexual. O romance termina com a indicação de aceitação do personagem como gay e a ideia

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba e Professor de Literatura Anglo-americana na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

de que tal preferência sexual é vista como “normal”, mesmo que não naquele “presente”, mas em um futuro próximo.

Na trama do romance, há uma constante presença dos personagens X-Men em diferentes momentos da história contada por André. Como se tornam figuras importantes na narrativa, estes personagens têm certo destaque no processo de autodescoberta pelo qual passa o narrador-personagem. Em nossa análise, procuramos entender o papel que esses personagens dos quadrinhos/cinema/série de TV possuem nessa busca de identificação sexual que o protagonista empreende.

Em 1963, o desenhista americano Stan Lee, com o auxílio de Jack Kirby, criou o grupo de heróis a quem chamou de X-Men. A formação inicial do grupo era composta pelo Professor X, Ciclope, Fera, Homem de Gelo, Anjo e Garota Marvel (Jean Grey), mas, como o passar dos anos, o número de personagens cresceu, dando oportunidade para uma gama muito grande de heróis e vilões. Conhecidos como Mutantes, os X-Men são humanos que nasceram com poderes e habilidades superiores ao restante da população do planeta, graças a um salto na evolução da raça humana em decorrência de mudanças genéticas. Devido a esta evolução genética, eles são vistos como diferentes e perigosos por grande parte da população não-mutante, o que causou uma necessidade de se perseguir e, até mesmo, caçar estes seres humanos diferentes.

Assim como o protagonista do romance *No presente*, que se reconhece como diferente dos outros de seu gênero antes da fase adulta, os X-Men se descobrem mutantes no início da adolescência, quando seus poderes aparecem e surge uma crise de identidade em decorrência disso. Essa característica dos personagens é reforçada na cena inicial de *X-Men: o filme*, quando Rouge (Vampira), desconhecendo seus poderes, beija inocentemente um rapaz e suga quase toda sua força vital. Na sequência do filme, aparece Jean Grey explicando ao Congresso americano que os poderes mutantes se manifestam na puberdade e que aqueles que se revelam com o gene da mutação têm enfrentado medo e hostilidade. Entende-se que essa seria a primeira aproximação entre os personagens do desenhista Stan Lee e o protagonista de Márcio El-Jaick: a descoberta de si como diferente ainda na adolescência e os problemas que tal descoberta acarreta em suas vidas.

Stan Lee, em uma entrevista sobre suas criações mutantes, afirmou que uma de suas intenções ao criar estes personagens foi discutir discriminação em geral: “fazer uma história contra intolerância de todos os tipos”² (*Apud.* EARNST, 2007, p. 219). A fala de Stan Lee é significativa para ler a produção destes desenhos dos quadrinhos como “quase uma metáfora cultural ideal para experiência gay e para perseguição da diferença sexual”³ (*Apud.* EARNST, 2007, p. 219). Em entrevista sobre a produção dos filmes que envolvem estes personagens, o roteirista Dan Harris fez a seguinte afirmação sobre a relação X-Men e homossexuais: “[M]uito disso [metáfora para direitos civis] nas revistas em quadrinhos começou com problemas de raça, e nos últimos quinze e vinte anos [...] isso se tornou mais uma metáfora para identidade e orientação sexual”⁴ (*Apud.* EARNST, 2007, p. 220).

Há nessas criações de Stan Lee um conteúdo homoerótico explícito que cobre diferentes épocas dos X-Men. Ao analisar as relações homossexuais das histórias em quadrinhos, Luciano Ferreira da Silva aponta para a relação homoerótica existente entre as personagens femininas Mística e Sina, que geraram outro mutante, Noturno: “Há todos os indícios de que foi através de um relacionamento homoerótico que as duas tiveram um filho [...]. Sendo Mística uma transmorfa, aproveitou seu poder e se relacionou como homem com a Sina, uma senhora já de idade” (SILVA, 2008, p. 169).

Além da relação Mística/Sina, outros X-Men também demonstram desejos homoeróticos. É o caso de Colossus, que inicialmente se apaixona por Wolverine e depois por Estrela Polar nas narrativas dos quadrinhos. Com relação ao personagem Estrela Polar, este se assume homossexual publicamente na década de 90; e na revista *Astonishing X-Men* número 51 acontece o casamento desse personagem com o não-mutante Kyle. Esse casamento entre pessoas do mesmo sexo é o primeiro que as histórias em quadrinhos retratam. Ainda em relação à homossexualidade desses heróis da Marvel, há os casos de outros personagens menos relevantes que “saem do armário”, como a personagem vietnamita Karma; o jovem ex-aluno de Estrela Polar, Anole; o casal Shatterstar e Rictor; e para fechar a lista, ainda temos Bling e Daken.

² Tradução nossa: “make it a story against bigotry of all sorts”.

³ Tradução nossa: “an almost ideal cultural metaphor for gay experience and the persecution of sexual difference”.

⁴ Tradução nossa: “[A] lot of it in the books started out as a race issue, in the last fifteen or twenty years [...] it’s become more a metaphor for sexual identity and orientation”.

É com base nesse conteúdo homoerótico inserido nos X-Men que vamos interpretar a utilização desses personagens dentro do romance de Márcio El-Jack, procurando entender o porquê de o personagem-narrador André se interessar tanto por esses heróis da Marvel em diferentes momentos da narrativa e qual a possível significação dessas figuras para o processo de autoconhecimento pelo qual passa o protagonista do romance.

Os personagens dos X-Men entram no universo do protagonista do romance através da série de TV. O texto dá indícios de que ele assiste ao desenho animado dos X-Men que era mostrado na televisão aberta e na fechada durante os anos 90, o que fica evidente no modo como André se refere a estes personagens: “O Melhor Desenho Animado do Mundo”. Com relação a outro tipo de adaptação desses personagens de Stan Lee, o livro *No presente* traz explicitamente uma referência à franquia de filmes sobre estes personagens que começou em 2000, com o lançamento de *X-Men, o filme*, e que carrega toda uma gama de cenas com grandes referências a uma construção social sobre os homossexuais: “ele [o tio Ivan] tinha muitos filmes e se orgulhava de ter muitos filmes, e vi que tinha poucos filmes que eu conhecia, como alguns da Disney e a coleção do X-Men, porque o Melhor Desenho Animado do Mundo tinha se transformando na Melhor Série de Filmes do Mundo” (EL-JAICK, 2008, p. 56).

A primeira referência aos X-Men aparece quando André está vendo TV com a empregada da casa, Luzia, e esta diz que determinado homem é um Deus, e André começa a devanear sobre a comparação feita pela empregada, fazendo ligação com o imaginário judaico-cristão que afirma que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. Diante desse fato, o narrador-personagem começa a se questionar como seria possível Deus ser igual a todos os homens e chega à conclusão que a figura divina deveria ser um X-Men:

Aí pensei que o único jeito de Deus ser igual a todos eles [homem e mulher] seria se Ele fosse a Mística, do X-Men, que é o Melhor Desenho Animado do Mundo, que conta a história dos mutantes que são perseguidos pelos homens comuns porque são mutantes, e a gente costuma perseguir o que é diferente, como Hitler perseguiu quem era diferente dele quando foi ditador na Alemanha [...] (EL-JAICK, 2008, p. 29).

Alguns pontos importantes devem ser destacados no trecho anterior. Inicialmente temos a necessidade constante do narrador de explicar aquilo que ele acha essencial para a compreensão do que está sendo narrado, como ocorre no momento que ele esclarece quem são

os X-Men. Dado o fato de André procurar resposta para aquilo que lhe é desconhecido (ele seria gay ou não? O que é ser um gay?), ele constrói um discurso que prima pela explicação daquilo que pode parecer ignorado por seu interlocutor.

O outro ponto essencial do trecho diz respeito ao modo como o protagonista vê os mutantes do “Melhor Desenho Animado do Mundo”: uma representação de uma minoria perseguida por ser diferente. Isso fica claro quando ele compara os X-Men aos que foram perseguidos por Hitler na Alemanha e no restante da Europa. A visão de André espelha a proposta de Stan Lee, quando este afirma que procurou criar uma história sobre intolerância (Cf. EARNST, 2007, p. 219). Assim sendo, entende-se que esta primeira menção aos desenhos da Marvel carrega a ideia de que eles são os que foram/são considerados diferentes do que se tem como a normalidade humana. Levando para as questões de cunho sexual, na visão de André, os X-Men seriam os seres humanos que têm um desejo erótico que se distancia do que é considerado a norma, uma vez que durante boa parte da narrativa o protagonista vai entender que a relação entre pessoas do mesmo sexo é “realmente horrível, porque não parecia certo, porque o certo era um homem beijando uma mulher ou uma mulher beijando um homem” (EL-JAICK, 2008, p. 101).

A temática sobre o comportamento de gênero será reforçada na sequência da narrativa, logo depois de André mencionar que em uma conversa com os amigos de escola alguém faz a seguinte pergunta: “Se você fosse um mutante, que mutante você seria?” (EL-JAICK, 2008, p. 29). O desejo de André é responder que queria ser Mística, uma mulher. Mas, entendendo o papel que as representações de gênero possuem, ele opta por ser um X-Men homem, Ciclope:

[...] eu queria responder a Mística, porque seria muito bom poder ser quem eu quisesse e porque eu não precisaria ser só eu, que às vezes cansa. Mas achei que os meninos implicariam comigo, e a última coisa que eu queria era que implicassem comigo, aí respondi o Ciclope (EL-JAICK, 2008, p. 29).

Fica evidente que André, ao desejar ser quem quisesse, quer se libertar das construções de gênero criadas pelo meio social em que ele se encontra. Ainda pode-se entender que ele sente-se cansado de ser quem ele é supostamente por ser hostilizado pelos colegas da escola, que o chamam de “bichinha”. Mas temendo, novamente, o papel que a sociedade prega aos gêneros, ele opta por silenciar o desejo de ser quem ele quer, escolhendo ser Ciclope, um personagem que, dentre os vários X-Men, é um dos poucos que possui uma

namorada, internalizando a ideia de homem ajustado às relações sexuais. Se ele escolhesse Mística, além de romper com a identificação do masculino com o masculino (heteronormatividade), sua escolha traria o estigma de ficar associado a uma das figuras dos X-Men que possui um comportamento sexual reprovado, pois, como é mostrado nos quadrinhos e também na série de TV, esta personagem une-se a outra mulher para gerar um filho.

Ainda com relação à figura de Mística, ela servirá como representação do desejo interior do protagonista, quando André vê nesta mutante a possibilidade de construir um relacionamento homoerótico com o porteiro do prédio onde ele mora. Desde o primeiro momento que viu Vicente, o narrador sente-se atraído pelo jovem. O fascínio que o porteiro exerce sobre ele é tão grande que André procura não ficar próximo dele para não ceder à tentação de ficar olhando para o sorriso encantador de Vicente e ser visto com estranheza: “E o Vicente sorriu o sorriso dele de simpatia, que era um sorriso que realmente dava na pessoa vontade de observar, mas, se a pessoa era um menino, talvez não fosse uma boa ideia observar, porque o Vicente podia achar estranho” (EL-JAICK, 2008, p. 81). Para resolver esse impasse de querer ficar perto de Vicente e não ser taxado de estranho, André busca em Mística a saída perfeita:

[...] pensei que realmente o mutante que eu mais queria ser do Melhor Desenho Animado do Mundo era a Mística, porque, se eu fosse a Mística, agora eu me transformaria em alguma menina, mesmo que fosse uma menina muito feia, porque mesmo uma menina muito feia poderia observar o sorriso de simpatia do Vicente sem que ele achasse estranho (EL-JAICK, 2008, p. 81).

Como já mencionamos anteriormente, tanto nas histórias em quadrinhos quanto na série de TV, Mística usou seu poder de transformar-se em qualquer pessoa e metamorfoseou-se em homem para unir-se com outra mulher, Sina, e ter condições de gerar Noturno. De modo semelhante, André quer usar esta habilidade da mutante para conquistar Vicente: “me transformaria numa menina muito bonita, com um sorriso de simpatia que também desse na pessoa vontade de observar, de modo que o Vicente ficaria com vontade de observar meu sorriso de simpatia” (EL-JAICK, 2008, p. 81). Como se percebe nas passagens anteriores, o substrato homoerótico das histórias criadas por Stan Lee é aproveitado na narrativa de *No presente* como escape para o desejo sexual que começa a surgir no protagonista da história.

Voltando ao personagem Ciclope, uma identificação verdadeira com este mutante irá acontecer quando André sente que outro menino está ameaçando a ligação platônica que o protagonista cultiva por uma colega de escola. Durante boa parte da narrativa, André mostra-se interessado por Fernanda Dias, uma menina tímida do colégio onde ele estuda. A relação que os dois constroem é através de cartas que um manda para o outro, sem nunca terem outro tipo de aproximação física. O momento em que eles possuem para ficar juntos é durante uma festa na casa de uma outra colega, Patrícia Machado.

Ao perceber que há nele uma possibilidade de ser homossexual, André investe na tentativa de começar algo mais físico com Fernanda, para afastar esta probabilidade que lhe desagrada. E a festa na casa da amiga seria a grande chance de ele ter um contato mais afetivo com Fernanda. Já na festa, ele espera um momento que começasse a tocar música lenta, para se aproximar de Fernanda, mas, antes que isso ocorra, “um menino, que era um dos meninos que implicavam comigo [André] me chamando de boiola [...] chamou Fernanda Dias para dançar” (EL-JAICK, 2008, p. 95). Ao sentir que o garoto que lhe identifica como homossexual ameaça tirar dele a chance de provar que não o era, ele procura na figura de Ciclope, o X-Men que encarna virilidade e tem uma parceira, Jean Grey, uma saída para eliminar seu opositor:

Aí pensei que agora seria realmente incrível se eu tivesse o poder do Ciclope, porque o poder do Ciclope são os raios que saem sem parar dos olhos dele [...] se eu fosse o Ciclope [...] eliminaria o menino que era um dos meninos que implicavam comigo e com o Mateus. E talvez eliminasse o resto dos meninos que implicavam comigo e com o Mateus [...] (EL-JAICK, 2008, p. 96).

Uma análise mais cuidadosa desse trecho demonstra que se tornar Ciclope tem relação direta não com a vontade de destruir a ameaça que o colega representaria na relação que André procura ter com Fernanda Dias, mas realça o desejo de André ver-se livre do colega que constantemente implica com ele e com aquele que representa o verdadeiro desejo erótico do protagonista: o seu melhor amigo, Mateus. Isso fica evidente nas duas vezes que aparece o nome de Mateus no trecho. Assim, a figura de Ciclope, embora seja conscientemente usada por André como uma tentativa de provar que ele sente atração por Fernanda, aponta para o desejo homoerótico que ele inconscientemente nutre pelo colega. Esse jogo de desejo erótico que começa a se formar no protagonista – a necessidade de se iniciar uma relação

heterossexual com Fernanda e o fascínio homoerótico que o corpo do colega Mateus lhe desperta – começa a se manifestar mais detalhadamente quando André avalia o modo como dançou com Fernanda e quando ele vê-se sozinho no seu quarto com Mateus. Sobre a sua longa dança com Fernanda Dias, ele é obrigado a inventar que deu vazão ao desejo sexual que o contato com a namoradinha de escola lhe proporcionou:

[...] quando o Mateus e eu chegamos em casa, o Mateus começou a falar em voz baixa do que teria feito se tivesse dançado uma música lenta com alguma menina, porque ele teria esfregado o pinto duro contra a xoxota da menina. E falei que era isso que eu tinha feito, que eu tinha esfregado o pinto duro contra a xoxota da Fernanda Dias, embora não fosse verdade, porque meu pinto não tinha ficado duro, e eu não tinha esfregado meu pinto mole na xoxota da Fernanda Dias, embora tivesse sido realmente gostoso dançar com ela e sentir o carinho dela nas minhas costas (EL-JAICK, 2008, p. 96).

Em relação ao desejo homoerótico, a noite em que Mateus dorme na casa de André, depois da festa de aniversário de Patrícia Machado e depois do protagonista querer ser Cíclope, marcará a primeira relação sexual que André terá. Entregando-se à vontade de tocar no corpo de Mateus, ele vai masturbar o amigo e entender que seu corpo responde positivamente ao contato com o corpo do colega, ao contrário do que ocorreu quando estava dançando com sua namoradinha de escola: “[...] fiquei com a língua colada no céu da boca e não sabia o que fazer, porque a minha cabeça estava realmente cheia, porque eu continuava de pinto duro e continuava querendo ficar junto do Mateus [...]” (EL-JAICK, 2008, p. 103).

Diante do exposto, percebemos que a figura de Cíclope é trazida por André, nas duas passagens, com a funcionalidade de camuflar socialmente o que realmente está em seu interior. Assim como o protagonista imagina construindo um relacionamento com Fernanda Dias e se distanciando de seu desejo por meninos, ele também enxerga-se como Cíclope para mascarar sua identificação verdadeira com Mística. Em uma conversa cheia de indiretas com Maurício, o companheiro do tio morto, André ouvirá que sua vontade de namorar Fernanda Dias nada mais é do que um escape para fugir de quem realmente ele é: “Então ele talvez fique pensando nela [uma menina] porque é nela que todos gostariam que ele pensasse [...] Inclusive ele” (EL-JAICK, 2008, p. 112). Da mesma forma ocorre sua identificação com Cíclope, quando, na verdade, ele queria ser Mística.

Outro mutante que é usado na narrativa de *No presente* é o professor Charles Xavier. Conhecido por suas habilidades de ler e controlar a mente das pessoas, Xavier será usado pelo narrador do romance em questão quando ele quer descobrir se a sua mãe leu ou não a palavra “bichinha” que haviam escrito no seu caderno. Intrigado com o fato de a mãe ficar pensativa e calada durante um longo tempo que estiveram juntos tomando sorvete, André sente necessidade de ser Charles Xavier e entrar na mente da mãe para saber se é a descoberta do que estava escrito em seu caderno que a deixara tão introspectiva:

E fiquei aquele tempo todo pensando em como seria bom ser como o professor Xavier, porque aí eu poderia saber no que a mãe estava pensando quando ficava olhando durante muito tempo para o sorvete, como se estivesse hipnotizada, e poderia mudar o pensamento dela, se o pensamento dela fosse um pensamento ruim, o que parecia ser o caso, porque ela estava com cara de que ter um nó na garganta (EL-JAICK, 2008, p. 39).

A vontade de ser este mutante tem relação direta com o fato de André temer ser identificado como gay. É sua necessidade de saber se sua mãe leu ou não o que escreveram no seu caderno que o faz querer ter o poder de entrar na mente das pessoas. E é este mesmo temor que o faz ver na própria mãe o mal que seria se ela, ao invés dele, tivesse o poder de Charles Xavier e descobrisse o real motivo de ele não querer mais tocar piano: o fato de alguns colegas de escola associarem o ato de tocar piano a um comportamento de efeminado. Isso fica evidente na seguinte passagem:

Quando a gente acabou o sundae, ela [a mãe] perguntou:
– Por que você não tem tocado piano?
E olhei para ela, mas desviei os olhos, porque parecia que quem tinha o poder do professor Xavier era a mãe, e era como se ela pudesse ler minha mente e descobrir o que quisesse (EL-JAICK, 2008, p. 39).

Alguns capítulos mais à frente, a necessidade de descobrir se sua mãe sabe ou não se ele é gay fará novamente com que André queira ter o poder do professor Charles Xavier: “[e] mais uma vez eu pensei em como seria bom ser como o professor Xavier para poder ler os pensamentos da mãe” (EL-JAICK, 2008, p. 73). Estas duas referências a este mutante especificamente mostram que o poder que André buscar serviria para aliviar a angústia de ter que lidar com a dúvida de quem ele é sexualmente. Focado como estava em descobrir se ele seria ou não “bichinha”, André não consegue perceber que o verdadeiro motivo de sua mãe

estar sempre pensativa e triste se deve ao fato de ela passar por um momento muito conturbado em seu casamento.

Dois outros mutantes ainda aparecem na narrativa deste romance. A penúltima referência aos X-Men vem quando André lembra-se do tio Ivan e de sua habilidade de dar atenção a todos que exigiam sua presença. O modo como o tio conseguia se desdobrar para agradar a todos faz com que o sobrinho veja no tio o mutante Múltiplo: “o tio Ivan tinha que se multiplicar para atender a todo mundo, que é um poder que o mutante Múltiplo tem e que seria um poder importante para pessoas como presidentes e donas de casa e o tio Ivan” (EL-JAICK, 2008, p. 42). Associar diretamente um X-Men ao tio que é gay reforça a ligação que há entre estes personagens do “Melhor Desenho Animado do Mundo” e a representação do homoerotismo que permeia toda narrativa de André, uma vez que é na figura do tio que André vai encontrar a si próprio.

A última analogia com os X-Men tem uma função semelhante a da primeira referência sobre estes personagens feita na narrativa de *No presente*. Cansado de todas as coisas ruins que vinham lhe acontecendo e, principalmente, irritado com o modo como era tratado pelos colegas durante as aulas de Educação Física e, também, durante o momento da chamada e do recreio, André vê no personagem Magneto uma possibilidade de se livrar de seus problemas constante de *bullying*.

A figura de Magneto nos X-Men é significativa para reforçar a ideia de que estes personagens da Marvel representam uma forma de metáfora na luta contra forças sociais que oprimem aqueles que são considerados diferentes. Na definição do narrador do romance, “Magneto era um judeu que tinha sobrevivido a Auschwitz, que foi um campo de concentração, que eram lugares onde o Hitler prendia as pessoas que tiveram o azar de serem diferentes dele, como os judeus [...]” (EL-JAICK, 2008, p. 115). Duplamente minoria, judeu (durante o período de Hitler) e mutante (numa época de caça e cura dos que se diferenciavam dos “normais”), este mutante encarna aqueles que resolveram se rebelar contra os que procuram oprimir os mutantes. No universo do “Melhor Desenho Animado do Mundo”, este personagem é um vilão, pois procura “eliminar os homens, porque o Magneto não acredita na coexistência pacífica entre homens e mutantes” (EL-JAICK, 2008, p. 115). Mas mesmo o

vendo como vilão, é nele que André busca espelhar-se para lutar contra o *bullying* que vinha sofrendo constantemente.

A função dessa referência ao personagem Magneto pode ser entendida, primeiramente, como uma nova tentativa de o narrador chamar a atenção para o modo como são tratados os que são diferentes da normalidade: presos e mortos, como os judeus; perseguidos e levados a um tratamento de cura, como os X-Men; ou sempre vítimas de *bullying*, como ele, André. Ainda, este personagem dos quadrinhos/séries/filmes é a representação máxima dos que estão cansados de serem perseguidos socialmente e resolvem revidar da forma mais agressiva possível, tratando os agressores da mesma maneira que eles o tratam. Usando uma lógica particular de ver este personagem, André assim o define:

E o Magneto era considerado um vilão, embora não fosse um vilão, porque ele era uma vítima que não queria ser vítima, o que está certo, porque é realmente difícil a pessoa ficar esperando que os outros mudem de ideia e aceitem a pessoa quando a pessoa pode simplesmente se livrar dos outros usando seus poderes (EL-JAICK, 2008, p. 115).

Mais uma vez, a aparição de um X-Men tem relação direta com o fato de o protagonista do romance ser ou não gay. Prova incontestável disso é o episódio que se segue à citação anterior. Tendo Magneto como modelo, André resolve atacar um dos meninos que o chamou novamente de “boiola”. A ação do protagonista aponta para um novo posicionamento dele diante do *bullying* dos colegas, tal como fez Magneto diante da constante ameaça provocada pela perseguição aos mutantes:

[...] quando um menino [...] implicou comigo na hora do recreio, me chamando de boiola, não pensei em nada do que poderia acontecer, porque, antes que pudesse pensar em nada do que poderia acontecer, já estava em cima do menino, batendo nele com toda a força, de modo que foi preciso que outros meninos que estavam por perto viessem nos separar. Mas os meninos custaram a nos separar, porque eu segurava o menino que era um dos meninos que implicavam comigo como se eu segurasse todos os outros meninos que implicavam comigo e eu batia no menino que era um dos que implicavam comigo como se batesse em todos os outros meninos que implicavam comigo (EL-JAICK, 2008, p. 115 – 116).

Assumindo a atitude violenta de Magneto, André também, assim como ocorre com aquele personagem da Marvel, assume a sua condição de ser diferente. Assim sendo, o narrador-protagonista passa a identificar-se mais com aqueles que são a representação do

ethos da homossexualidade – o tio que morreu de AIDS, Ivan; e o companheiro daquele, Maurício: “E pensei que o tio Ivan também deveria ter passado por coisas ruins quando era pequeno e pensei que o Maurício também devia ter passado por coisas ruins quando era pequeno, porque o Maurício tinha dito ‘Tudo vai ficar melhor. No futuro’” (EL-JAICK, 2008, p. 119). Dessa forma, entendemos que o protagonista do romance completa a sua trajetória de descoberta de si, uma vez que ele encontra um espelhamento de sua condição sexual não naqueles que representavam a normalidade heterossexual (o primo Ricardo, o colega Mateus, o próprio pai), mas naqueles que são considerados, como os X-Men, os diferentes: Ivan e Maurício.

Diante da recorrência do uso dos personagens X-Men no romance *No presente*, de Márcio El-Jaick, percebemos que estes heróis servem para construir a trajetória de descoberta sexual do protagonista. Como estas figuras dos quadrinhos/cinema/TV representam aqueles que não se enquadram no que a sociedade entende por normalidade, é neles que André busca se ancorar, mesmo que inconscientemente, quando tenta responder a pergunta que dá norte à narrativa: sou ou não sou gay?.

O modo como o autor do romance utiliza estas figuras criadas por Stan Lee para tecer sua narrativa demonstra que Márcio El-Jaick lê essa criação de Lee da mesma forma como o desenhista a concebeu – “uma história contra intolerância de todos os tipos”⁵ (Apud. EARNST, 2007, p. 219) – e do mesmo modo como as adaptações da obra de Stan Lee têm sido trabalhadas dentro do cinema: “uma metáfora para identidade e orientação sexual”⁶ (Apud. EARNST, 2007, p. 220). Assim sendo, o livro *No presente* chama atenção para o modo preconceituoso e intolerante com que o Outro, ou seja, o diferente, é tratado. Ele também aponta para a possibilidade de se construir um futuro mais tolerante e inclusivo.

Referências

Astonishing X-Men. N. 51. Nova York: Marvel, Agosto de 2012.

⁵ Tradução nossa: “make it a story against bigotry of all sorts”.

⁶ Tradução nossa: “[A] lot of it in the books started out as a race issue, in the last fifteen or twenty years [...] it’s become more a metaphor for sexual identity and orientation”.

EARNEST, William. Making Gay Sense of the X-Men. In: BRUMMETT, Barry (Edit.). *Uncovering hidden rhetorics: Social issues in disguise*. Thousand Oaks: Sage. 2007, p. 215 – 232.

EL-JAICK, Márcio. *No presente*. São Paulo: GLS, 2008.

SILVA, Luciano Ferreira. Os heróis dos quadrinhos e suas relações homoeróticas. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da. *Aspectos da literatura gay*. João Pessoa: UFPB, 2008, p. 161 – 171.

X-Men, o filme. Bryan Singer. Direção: Bryan Singer. Produção: Avi Arad, Stan Lee, Richard Donner, Tom DeSanto. Roteiro: David Hayter. Produtora: 20th Century Fox, Marvel Studios, Bad Hat Harry Productions, The Donners' Company. Distribuidora: 20th Century Fox, 2000.